



# A PAGINA

ASSIGNATURAS

SEMESTRE.....	5\$000
TRIMESTRE.....	2\$500
NUMERO AVULSO.....	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 1 de Julho de 1900

N. 14

## CARNE DIVINA

A DOMINGOS NASCIMENTO

Maravilhosa carne, aromatica e pura,  
Quasi a desabrochar, quasi a amadurecer;  
Ora, aroma o que toca. ora em festões fulgura  
Antes do azul sorrir, antes do sol nascer...

Rosea, tenra, febril, em sandalo embebida,  
Acaricia o linho, alvissimo que a enlaça,  
E dobra-se e estremece e foge espavorida,  
Se pelas tranças de ouro um osculo perpassa.

E' medrosa, e, depois, fizeram-n'a tão casta  
Que a aza de um beija-flôr basta para a assustar.  
E com um leve mover de mãos, com pejo afasta,  
Entre as roupas do leito, os beijos do luar.

E' um Dodona essa carne, um milagre esse canto  
Que pelo coração das rosas se derrama,  
Dando aos olhos, que a veem, um mystico quebranto,  
E a cada alma, que a aspira, uma celeste chamma.

Apaixonada, esvoaça, entre as folhas e os ninhos,  
Arrebatando o sol n'um vortice febril,  
E um novo timbre empresta á voz dos passarinhos,  
E um perfume mais forte aos resedás de Abril.

Os sentidos exalta e n'um só gesto enfeixa  
O que ha de mais perfeito em toda a natureza,  
Ou para amar melhor, em cada ninho deixa  
Um pouco de su'alma a alma das aves presa.

Titila-lhe á petrina o saibo amargo e doce  
De uma volupia insana e ao mesmo tempo ideal,  
Que, inflamando-lhe o sangue, um cantico lhe trouxe  
Como os de Salomão, á espadua, ignea e aromal.

Espumam-lhe os lençoes em fervidos desejos  
E irrompe como a aurora entre nuvens e raios.  
Ah! quem me dêra um dia abrasar-me em teus beijos  
E acompanhar-te ao céu n'um desses teus desmaios...

O arredondado collo eburneo onde se enflora  
Lactea manhã fatal ao infeliz cantor,  
Um flavo e tenue brilho inaccessible róra  
No calice adorante e açucenal da flôr.

Aos contornos lhe subo em ancias agarrado,  
E antes de descobrir o que essa carne encerra,  
Sou á strévas tambem como satan lançado  
Por invisível mão que me subjuga e aterra!...

Oh! angustia cruel que ao crime e á morte impelle,  
Contenta-te com ver a aurora refulgir;  
E' como a luz celeste a sua nivea pelle,  
E louco é quem deseja o impossivel possuir.

Emquanto essa paixão maldicta me desvaira  
E a febre do martyrio em minha estrophe arqueja,  
Em pleno firmamento a sua imagem paira,  
Em plena adolescencia o seu sorriso adeja...

Não poderei jamais tocar n'aquelle fructo,  
Nem de perto esse olor satanico aspirar.  
O brilho dessa luz é o meu eterno lucto,  
O pudor dessa carne é o que me vae matar.

Luiz Murat



A VIDA

II

Escola theologica ou metaphysica.  
Espiritualista

Desde a mais remota antiguidade, celebridades medicas e philosophicas consideravam os phenomenos que têm por theatro os seres vivos, como emanados d'um principio superior e immaterial actuando sobre a materia inerte e passiva.

Tal era o pensamento de Pythagoras, Platão, Aristoteles e o do fundador da medicina, acceito na idade media por Van Helmont e outros sabios. Foi porem no seculo 18 que essa idéa attingio ao apogêo, com a creação do animismo por Stahl.

O animismo foi a ultima expressão da espiritualidade da vida, da mesma forma que Stahl foi não só o partidario mais dogmatico das idéas perpetuadas desde Aristoteles, como tambem o seu ultimo representante.

A escola representada por Stahl, chamada dos animistas, suppunha que as manifestações vitaes, eram regidas por influencias especiaes e admittia que a força vital, qualquer que seja o nome que se lhe dê (alma physiologica, archeo, principio ou propriedade vital), era essencialmente distincta das funcções brutas da natureza, mantendo-se em completo antagonismo á essas forças.

Stahl comprehendia d'um modo todo particular e peculiar á sua philosophia, a natureza dos phenomenos da vida e as relações da alma com o corpo. Contestou as explicações de serem os phenomenos vitaes regidos pelas mesmas leis que os mechanicos, physicos e chimicos.

Como chimico de nomeada, que era combateu as idéas dos medico chimicos ou iatro-chimicos, que explicavam todos os phenomenos da vida por accões chemicas. Sustentou que, não somente as forças chemicas differem das que regem os phenomenos da vida, como tambem, que ellas estão em completo antagonismo á aquellas e que tendem a destruir o corpo vivo, em vez de preservá-lo. Era necessario, segundo Stahl, uma força vital, que resguardasse o corpo contra a accção das forças physicas exteriores que tendem incessantemente a invadir-o e destruí-lo. Para elle a vida era o triumpho d'aquella sobre estas. Com essas idéas, fundou Stahl o vitalismo e concebeu que esta força vital, em lucta constante contra as forças physicas, actúa com intelligencia, para a conservação do organismo.

T. BIAS CÔELHO

—><<>—  
CANÇÃO

A SILVEIRA NETTO

Trabalhas o dia inteiro  
Sempre cavando, a brincar.  
Esse teu ar galhofeiro  
pôde ainda vir a faltar...

Não rias muito, coveiro,  
que podes vir a chorar.

Para que tão funda cóva,  
coveiro que estás cantando ?  
Se uma flôr vae se esfolhando,  
é que outra surge mais nova...

Não caves tanto, que a prova,  
coveiro, vou te apontando.

Tambem o velho sineiro  
não poude um dia tocar...  
Era o seu bom companheiro  
que levavam a enterrar...

...nem foi mais o fabriqueiro  
as sepulturas marcar.

Minh'alma tambem cá dentro  
um campe santo já teve,  
cheio de crazes no centro  
e catacumbas de neve...

A dor que n'alma concentro,  
coveiro, não se descreve.

Um bando alegre e fagueiro  
de illusões fui a enterrar;  
como feliz jardineiro  
que vae flores semear ..

E eu fui como tu, coveiro,  
um operario a cantar.

Faltou-me um dia o desejo  
de sorrir no campo santo...  
A lyra perdendo o harpejo,  
não mais gemia o meu canto...

Não cantes coveiro tanto...  
Olha que falta-te o ensejo !..

Hoje busco lyra nova,  
e o coração já me nega.  
E' que tambem elle allega  
que é tempo de abrir-lhe a cova...

Si a vida simples te cega,  
coveiro, mais essa prova.

Meo coração forasteiro  
ha tempos anda a vagar,  
triste e só, sem companheiro !  
—Ninguem o quer enterrar !

Não rias muito, coveiro,  
que podes vir a chorar...

*Domingos Nascimento*

—><<>—  
MANDOLINATAS

E a formosa castellã sorria quando ouvia tanger as cordas tremulamente languidas umas vezes e outras vezes febris e estuantes do mandolim, acompanhando as pulsações do apaixonado coração do triste pagem.

Gostava de ouvi-lo. Não que elle a impressionasse; porque achava-o até um tanto ridiculo, mas por causa do fervor e do seu talento musical, arrancando do pequeno instrumento os mais deliciosos romances de amor.

Nas agoas mansas do lago, ali mesmo ao lado do seu castello feudal de altas torres grimpantes, pontegudas e erguidas para o céu como punhaes gigantescos, deslisava muita vez a gondola doirada do castello remada pelo pagem submisso, que, a um simples aceno, largava os remos, dedilhando o mandolim plangente e caricioso.

E voavam barcarolas timidas, ternas, na nostalgia profunda de uma alma isolada de Amôr, e que ancia por uma ventura impossivel.

Mas a castellã, passado o silencio com que o escutava, ria-se, ria-se muito das scismas do bardo exil.



## A PAGINA

Ria-se, porque ella que nunca fôra capaz de amar, achava tôla a figura dos apaixonados.

Suppunha o pagem amante despresado por alguma das suas donzella de honor, e assim destrahia-se ouvindo-lhe as romanças passionaes.

Entretanto o mandolim continuava sempre e cada vez mais, ora a soar em tremulos harpejos, ora a vibrar em *crescendos* cheios de paixão

\* \*

Havia já muitos dias que os camponeses das proximidades do castello não ouviam pelas noutes brancas de luar o mandolim e a voz melodiosa do pagem, e isto desde que se finara a pallida e formosa castellã, por uma vellada tarde de inverno.

A risonha e alegre criança, depois que nm forte abalo no coração insensível prostrára-a, havia cerrado os bellos olhos para sempre, como flôr que estiola a falta do calor vivicante de Phebo. O pagem, esse encontrado as vezes a divagar pelas florestas em noutes velhas, ora a murmurar palavras sem nexo, ora em extases fitando os astros.

\* \*

Uma noute os camponezes ouviram, e d'esta vez ouviram bem, o plangente vibrar do mandolim e a voz doce e terna do pagem, fugindo do castello na mesma gondola, toda branca e de frisos doirados, em que gostava tanto de passear pelo lago a joven e formosa castellã.

E a voz ia cantando um romance triste como o derradeiro canto d'um cysne. Os camponezes embevecidos escutaram de terra n'uns arrepio supersticiosos de almas simples.

Escutaram... escutaram... até que a voz longinqua não foi mais ouvida

E nunca mais o foi, diz a lenda, porque a gondola encontrou-se dia depois abandonada; mas o pagem, o bardo exul, esse nunca mais appareceu, nunca mais!

VEIGA JUNIOR

—\*—\*—\*—\*—\*—\*—

## BRUMAS

..C. 1

E assim vam se passando  
Os sonhos que eu formei, crepusculos de amor,  
Sem que como incentivo um riso teo desponte  
Rasgando esse horisonte,  
Presidio mão de dôr,  
Que a vida já me esmaga, ao guante formidando.

Bem vêes que isto é cruel,  
Pagar tão grande amor com féro menoscabo;  
Não foi tão atro o fel,  
Que Christo amargurou da vida já no cabo.

O mundo te sorri como anjo que és na terra,  
Sacratio de belleza,  
Erario de virtudes, fonte que ainda encerra  
O celico perfume,  
Immune de ciume,  
Por isso que és só tu que o tens da natureza.

A ti tudo são rosas;  
Quem dêra que eu inda fosse um dia Briarêu,  
Para acclamar-te, oh Santa,  
Rainha das formosas,  
Assim como quem canta,  
Quem canta um hymno a Deus, cem mãos justas p'ra o Céu.

GONÇALVES FERRO

## TRAÇOS A LAPIS

IX

*Les autres, marquez ! elegance!* grita o Von Eisen, em um francezão de Cayenna, n'uns arremedos esdruxulos de mestre sala de ultima hora. O nosso homem, á voz de *elegance*, imita o *vis-a-vis*, enfiando o polegares na cava do collete e rompendo o passo com o pé esquerdo.

*Causeur* magnifico, não obstante a cornucopia de invernos de que lhe accusa o Campinas, sabe com exito invejavel fazer attrahir sobre si a atenção e a sympathia dos que lhe escutam.

Não sei, entretanto, si o major tem razão; o grande caso é que si elle ahí está sempre alegre e jovial, como um eterno academico em férias, sem que a geada dos cabellos o reclame, é que talvez soubesse empregar melhor o elixir da mocidade, de que o nosso amigo Campinas parece possuir o segredo.

Nunca o vi triste nem apprehensivo.

Si algum importante dissabor o sitia alguma vez elle o sabe diluir logo, afugentando-o com seo humor habitual.

Sem ser um carola como o Diniz, acompanha comtudo as procissões solemne e gravemente pendurado ao pallio, por isso que é amigo da Igreja, como um *ant' Erostrato* que é.

Disse-me um dia o Ramagem que elle é perigoso n'uma *trepção*, e reclamou até para comproval-o o testemunho do nosso amigo Tenorio.

Não o duvido; mas, com certesa, si assim acontece, é que elle tem comsigo toda a razão de fazel-o.



E' *engenheiro*, embora não tivesse sido a Polytechnica a sua academia; quero dizer, possui engenhos de moer e de fabricar o *lirio*, de que tanto parece gostar o Branco.

E' de uma franqueza que o nobilita, mas d'essa franqueza polida e natural das pessoas bem educadas.

Diz o Ferro que é esse um de seus melhores predicados, e eu tambem estou de accordo.

Quem o vir de capa *cavouri*, cartolla erecta e lusidia, *pince-nez* grim-pante, bigodes em iscas, em postura natural, assim um pouco de lado, não será capaz de suppor que está ali uma perspectiva de avô, mas qu' avô! o melhor d'elles, o mais pratico e *fin de siècle*.

«Andar assim que vae bem», como diz o Coutinho quando não adv-ga causa estranha.

Todavia onde se mostra mais ao natural é quando, *vis-a-vis* do Von Eisen, entrega-se presenteiro e lepidio aos caprichos de Terpsichore.

— *Les autres, marques! aplomb! il va finir la quadrille!*

E o nosso amigo, em postura cortezã, convencido, avança uma, duas vezes, fazendo em seguida o celebre e estouvado *en avant aux general au galop*.

Andar assim, que o Campinas morde-se de inveja e despeito.

FABER JUNIOR

NOTAS

Lindos dias de sol, doirae estas paginas, enriquecei de assumptos a minha chronica.

Noites suaves de inverno brando, ceos recamados de estrellas, enchei de mysterios a alma do chronista, dae-lhe imaginação slava, envolvi esta espirito em sombras de duvidas por entre irradiações de ventura, assim como clareiras se abrindo nas trevas.

Dias de sol formoso, emoldurae estas notas. Noites pretas das sombras, occultae a verdade do meo estado d'alma...

Ha novidade, meo chronista?

Não; estava a fumar o meo *brevé*... apenas.

E que evocação era essa que ouvi de sorpresa?

— Nonadas; umas recordações que vôam bem longas; um desejo de vôar... de vôar!

Quando se ouve musica excellente como as daquelles dois grandes concertos, têm-se vontade de sonhar.

Conta-me, pois, as tuas impressões.

— Imagina tu que a *Página* está sendo figura obrigada nestas festas de Arte. O «16 de Abril» e o «12 de Agosto» abriram os seus vastos e deslumbrantes salões, para que os seus numerosos convidados mais uma vez tivessem a ventura de ouvir os sympatheticos e festejados Carlos Guimarães e Gaspar Nascimento.

O programma de ambas as festas era de captivar: o tenor Guimarães, com a sua voz maviosa e bem timbrada para artista de salão; o impecavel pianista Guimarães, com os seus dedos electricos ferindo o teclado e a sua alma esthesiaca em sonhos de melodias.

E como se esse successo de arte não bastasse, lá surge a interessante Aracy com o seu violino magnetisador, desferindo notas sublimes, emocionando o auditorio. E depois ainda, lá vem a senhorita Layde Alvim, poderosa dona do teclado, admiravel pianista, em auxilio do mestre, recordar as passagens da «Divina Comedia», o grande poema da Dôr.

No «12 de Agosto» o mesmo brio, a mesma vocação esthetica, e o mais brilhante desempenho.

Gaspar e Carlos sempre victoriosos, sempre emocionantes.

Trechos dos mais brilhantes compositores foram recordados com a execução a mais feliz.

Ali estreitou para os grandes artistas (não para o publico que já a consagrou ha muito) a senhorita Haydéa Costa, bellissimo talento, vocação incomparavel para o piano.

E como si tudo isso não bastasse ainda, a gentileza e o cavalheirismo das dignas directorias desses bons Clubs vieram arredondar os festejos.

Diante, pois, de dois serões tão attrahentes, isto no espaço de uma pequena semana—digam lá se não tem razão o chronista de andar com o espirito... em petição de miseria!...

Esta revista teve a honra de receber as despedidas dos srs. Carlos Guimarães e Gaspar Nascimento que partem para o sul, depois de nos proporcionarem uma excellente temporada musical. Gratos pela gentileza, só desejamos que os dois bellos esthetas continuem a receber a consagração dos seus talentos, em pura florescencia, e vão dizer por ahí além, que nesta terra já se faz alguma musica...

Bravissimo! Os nossos collegas do Rio Grande e Paraná nos captivam tanto!... E' surgir por lá um numero da modesta *Página* e logo apparecem luminarias festivas para nos receberem com todas as honras do colleguismo.

*Gracias*. Pois se os Pernetas, os Leoncios, os Caldas... lá estão de vigia!...

O Ferro que lhes agradeça, que é quem aguenta o repucho.